

dealbar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

A N O 11 NÚMERO 17

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1968

PREÇO NCr\$ 0,20

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO

É muito difícil para nós traçarmos o perfil biográfico de Edgard Leuenroth, porque, de certa forma, ele mesmo relutara contra isso e, porque também, a sua vida cronológica e dinâmica está inteiramente diluída nos acontecimentos sociais que durante sua tumultuada existência participou ativamente. Indagado certa vez por que não escrevia as suas Memórias, assim respondeu:

— «Não é a primeira vez que me fazem a pergunta por que não escrevo minhas Memórias. E a minha resposta tem sido sempre a mesma: que a evidência de minha pessoa tem sido consequente de circunstâncias inteiramente

beneficiando, causaria sofrimento. E, no entanto, muitos desses fatos ocuparam lugar de relevância na vida de uma pessoa. Haverá quem possa levar o seu rigor a tal ponto?»

Nascido em Mogi-Mirim, em 31 de outubro de 1881, era filho de mãe brasileira e de pai alemão. Embora de estirpe ilustre, nunca disso fez alarde. Por linha materna provinha da estirpe do Visconde do Rio Claro. Seu pai, Waldemar Eugênio Leuenroth, era um médico alemão que falecera quando o Edgard, tinha apenas três anos de idade. De Mogi-Mirim, sua família transferiu-se para esta capital fixando residência no bairro do Brás. Dêsse bairro guardava bizarras e alegres recordações que ele referia sempre com grande simpatia e a gargalhar imitava os gestos característicos do gracioso dialeto napolitano. Nestes últimos anos de sua vida, Edgard foi muito visitado por amigos, estudantes e, em especial, por jornalistas ávidos por conhecer episódios da vida do lóngo militante anarquista. Numa dessas entrevistas, instado a falar disse:

— «Não tive estudos regulares. Aprendi comigo. Sou autodidata. Tudo colhi na imensa universidade da vida... No início do curso primário, bem criança, tive de deixar a escola, para trabalhar. Foi para a Escola Modelo parece-me que a primeira, em São Paulo, dessa natureza, na rua do Carmo, dirigida por uma inglesa esguia e severa, Miss Brown. Embora tenha sido tão passageira essa minha vida escolar, deixando-me ela gratas recordações, pela convivência com atenciosos professorandos, que depois figuraram com destaque no campo do ensino. E também por alguns colegas, com a devida licença... que de lá partiram, depois do trânsito por cursos superiores, para altas escaladas na vida pública. Dentre eles, posso citar dois: o dr. Cirilo Junior, meu conhecido de meninice no bairro do Brás, e dr. Virgílio do Nascimento, com quem fui me encontrar, em períodos agitados de minha vida, em circunstâncias um tanto escuras quando ele ocupava o cargo de delegado da Ordem Política e Social.

cutir-se sobre o socialismo, em consequência da presença de um homem que participou dos iniciais movimentos dessa ideologia em nosso meio. Estevão Estrêla era o seu nome. Baiano corpulento, evidenciando-se inteligente e

Continua na última pag.



Uma das últimas fotos de Edgard Leuenroth

te alheias à minha vontade, com a ausência absoluta de qualquer propósito meu nesse sentido. O que importa é o movimento ideológico a que me entreguei desde a minha mocidade e no geral a minha pessoa se perde na multidão de seus combatentes.

Finalizando disse:

— «Quero aproveitar para consignar certa dúvida sobre a possibilidade de uma biografia e, principalmente, autobiografia e, em que alguém apareça de corpo inteiro, envolvendo, com plenitude, todos os episódios de sua vida.

Há fatos que nem sempre podem ter uma explicação, abrindo aspecto moral de cuja divulgação, a ninguém

Adeus que eu não disse

Edgard Leuenroth, amigo, companheiro e mestre de tantos longos anos, irmão de jornadas memoráveis, de arrojo e de aladas esperanças que juntos sentimos palpitar na ansia de renovação Social;

me penitenciar do adeus que não te disse, da última vez que poderia falar olhando para aquele rosto que me foi tão familiar e que o tumulto guardaria para o repouso eterno, repouso merecido!

Edgard Leuenroth, confiante fraternal em nossos ideais, conselheiro sereno e paternal nas horas inquietantes em que a luta libertária exigia de nossas vidas o risco das surpresas traiçoeiras;

A sua perda me abalrou o ânimo. Apesar da minha aparente resistência, a violenta comoção sacudiu inteiramente as minhas limitadas energias e senti que o meu destruído coração não suportaria aquela dolorosa despedida. Senti que não teria forças para depositar em seu túmulo, simples, singelo e puro como o foi você, como se fossem os cravos vermelhos que você pediu que plantassem em sua campa, as últimas palavras que eu diria a você.

Edgard Leuenroth, amigo honesto e leal de cada instante, alma sublime que soubeste manter até o fim, impolutas e intangíveis, as idéias ácratas que adotaste no começo da sua vida;

Peço-lhe agora, Edgard Leuenroth, companheiro, amigo e mestre inolvidável, que me perdoe pelo adeus que não lhe disse...

Edgard Leuenroth, com a alma trançada de dor venho

Pedro Catallo



Edgard Leuenroth e esposa — 1929

MORREU COMO AS ÁRVORES: DE PÉ

Todos os nossos leitores e amigos sabem das razões porque «Dealbar» deixou de sair. Em nosso último número, 16, que corresponde ao mês de junho do corrente ano, deixamos bem claros os motivos que determinaram a sua paralisação. Todavia, um acontecimento doloroso que encheu de luto os nossos corações, uma perda irreparável para o nosso movimento, sacudiu violentamente o nosso íntimo e fez com que reunissemos energias, aglutinásemos forças, congregássemos vontades, para que «Dealbar», numa edição extra, viesse prestar a derradeira homenagem ao homem que foi um paradigma e um exemplo edificante de retidão e coerência.

foi por isso que, de jovem, imberbe ainda, ao lado do grande poeta Ricardo Gonçalves, abraçou a filosofia anarquista. E a essa doutrina deu-se inteiramente, sem nunca lamentar-se dos aborrecimentos, das perseguições e dos seguidos encarceramentos que sofria. Nenhum dos acontecimentos históricos que sucederam durante a sua longa vida, arranharam sequer, as profundas convicções doutrinárias que o nosso Edgard, havia haurido nas imarcescíveis páginas de Bakunin, Proudhon, Reclus, Malatesta, Rocker e outros pensadores e mestres do anarquismo, o qual ele havia assimilado como a sua própria personalidade.

Na dia 23 de setembro, ao meio dia, falecia o nosso querido e venerado companheiro, jornalista Edgard Leuenroth.

Este Homem, com maiúscula, cuja mente serena, coerente e imparcial era um contínuo laboratório de análises sociais, não soube fazer outra coisa em sua prolongada vida, senão defender os oprimidos.

O Edgard, foi assim que sempre foi chamado e conhecido entre nós, o nosso Edgard, deixou de existir aos 87 anos de idade, com 70 anos de vida combativa, como homem de imprensa e como militante anarquista ativo e atuante. Foi um desses homens que nascem predestinados para servir a uma causa nobre. Em nossos longos anos de íntimo convívio, jamais o ouvimos falar de coisas fúteis, de coisas corriqueiras, de vaidades ou da sua eficiência profissional. Era o homem que não sabia odiar e era respeitado até pelos adversários. Desprezou oportunidades que podiam fazer dele um homem de dinheiro, acomodado. Podia ser um grande político porque sobrava-lhe competência para isso, tribuno clássico, ardoroso e arrebatador, grande pesquisador social, fundiu esse pendor com a profissão que ele tanto amava: era arquivista.

Quantas vezes recebemos dele, como mestre que era na arte de fazer jornal, inúmeras e valiosas sugestões para melhorá-lo. Sempre e em todas partes sentíamos o calor amigo e paternal da experiência do homem afeito às lutas.

Era a dor humana que sempre o affligiu, a desigualdade social causava-lhe repulsa, e

Edgard Leuenroth: um exemplo morto, mas que vive na memória de seus companheiros!

O Grupo Editor

SAIDA DE MOGI-MIRIM

— «Sai de Mogi-Mirim muito criança, guardando uma lembrança nostálgica da carinhosa nobreza com que fui acolhido, com meus irmãos, naquela saudosa chácara lá do morro, que minha avó recebera de seu tio Visconde do Rio Claro. Vim, com minha mãe e irmãos, para o Brás, onde sempre vivi, ligando-se àquele popular e movimentado bairro salientes aspectos de minha vida, alguns deles de magoada recordação de uma meninice sem infância...»

PROFISSÕES ANTERIORES

«Ao deixar o curso escolar, em princípio, empreguei-me como menino de escritório, para limpeza, recados, etc., do corretor de títulos Leonidas Moreira, na rua do Comércio, hoje Álvares Penteado. Ali ouvi, pela primeira vez, dis-

O BOI

S. PAULO BRAZIL
Anno I BRAZ, 12 de Setembro de 1897 Num. 5

O BOI

Publicação Quinzenal
Propriedade de
CRUZ & LEUENROTH
Assinaturas
Capital (ano) 3\$000
Interic (->) 4\$000
Redação Rua D. Maria Domitilla
n. 12.

A IMPRENSA (Victor Hugo)

A imprensa é a voz do mundo. Onde há luz está a providência. Quem reprime o pensamento atenta contra o homem. Falar, escrever, imprimir e publicar... são circuitos sucessivos à inteligência ativa: são essas as ondas sonoras do pensamento.

De todos os circuitos, de todos esses esplendores de espírito humano, o mais largo é a imprensa. O seu diâmetro é o próprio diâmetro da civilização.

Onde a imprensa livre é interceptada, pôde dizer-se que a nutrição do genero humano está interrompida.

A missão do nosso tempo é mediar os velhos fundamentos da sociedade, crear a verdadeira ordem e collocarem toda a parte a realidade no lugar das fôrças.

Nesta deslocação das bases sociais, que é o trabalho colossal do século,—nada resiste à imprensa.

A imprensa é a força. Porque? Porque é a inteligência. E' o clarim vivo; toca a alvorada dos povos; anuncia em voz alta o reinado do direito; não conta com a noite senão para no fim della saudar a aurora, adivinhar o dia e advertir o mundo.

A imprensa... escrava! a reunião de palavras, impossível!

Não, por mais que façam os despotas, não, não ha escravidão para o espirito.

No século presente, sem liberdade da imprensa, não ha salvação. Sem a imprensa, noite profunda. A imprensa é o dedo indicador; é o auxiliar do patriota.

Qual é o espantallo do covarde e do traidor?—A imprensa.

Todas as iniquidades, todas as perseguições, todos os fanatismos denunciam, insultam e injuriam como podem.

A imprensa é a santa e imensa locomotiva do progresso... que leva a humanidade para a terra de Canaan, a terra futura onde não teremos em torno de nós senão irmãos e por cima o céu.

Que seja intrepida essa locomotiva sagrada, o pensamento, a sciencia, a phylosophia—a imprensa.

Sejam bem vindos todos os espiritos.

Este é "O Boi", em seu tamanho natural, com o qual Edgard iniciou em 1897, a sua carreira de jornalista.

Traços Biográficos de Um Homem Extraordinário

Conclusão da última pág.

Por essa ocasião, amigos, admiradores e um importante partido político da época, resolveram lançar a sua candidatura a Deputado. É demasiado dizer que, Edgard naquela oportunidade, tinha todos os fatores favoráveis para uma fácil vitória. Entretanto, com todo o respeito que lhe era peculiar, fez compreender a todos aqueles que queriam obseqüiá-lo com a distinção de Deputado, que, aquele cargo, era incompatível com os princípios que ele, livremente, havia escolhido e aos quais dedicaria a sua inteira vida. E assim foi de fato. Os princípios filosóficos hauridos em seus verdes anos, defendeu-os até o fim da sua longa existência.

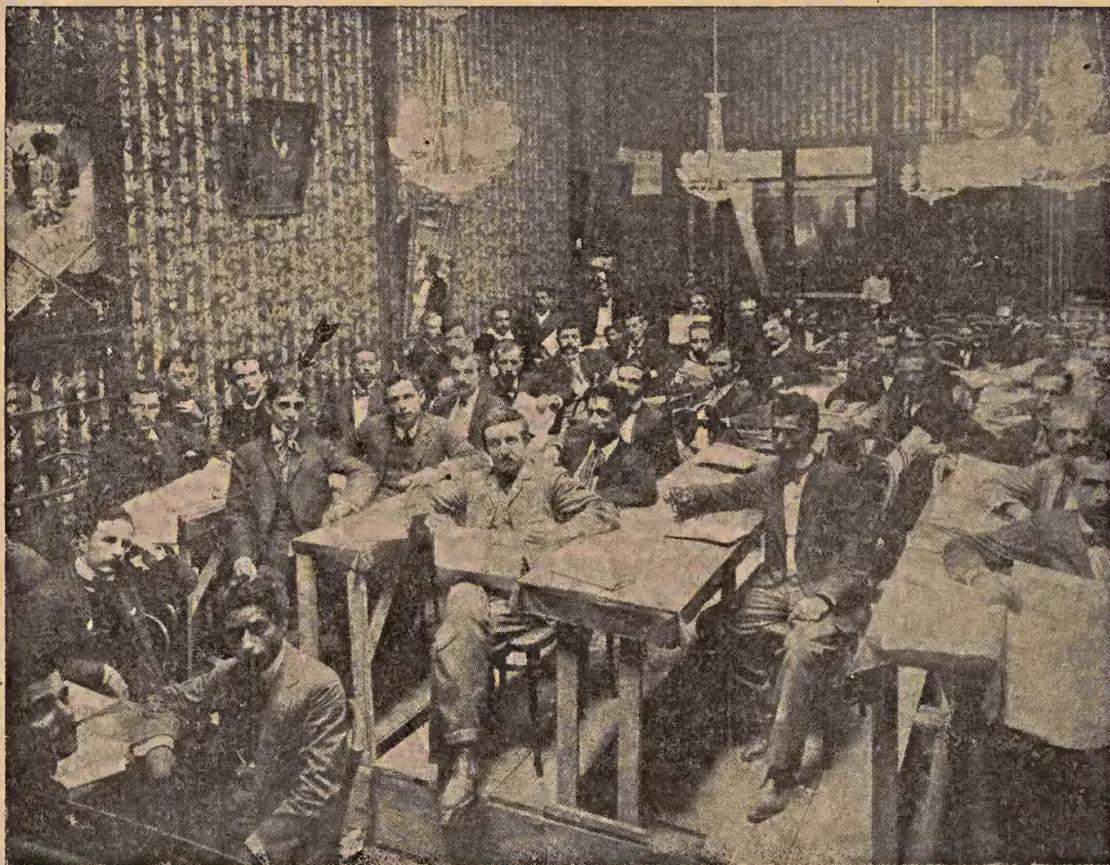
CONEGUNDES

Quando Edgard, em animadas conversas entre companheiros, que ele tanto gostava, começava a rememorar fatos que guardava com nostálgico carinho, nunca deixava de mencionar o cachorro Conegundes. Com uma pontinha de saudades assim se referia a ele:

— «Entre as saudosas reminiscências, que trago comigo, figuram a de um cão. Sim, de um cachorro de reputação histórica, comentado em livros de escritores de valor de nosso meio intelectual, «Cunegundes» era seu nome. De porte respeitável e de sobrecenho de poucos amigos, era, no entanto, um bom amigo. Era um cão boêmio que perambulava pelos cafés, centrais, comendá sanduíches, doces e bebendo chopes. Sim, chopes, no duro.

Um de seus historiadores diz que ele dormia embaixo da Ponte Grande. Não é verdade. O seu dormitório era mais confortável; sobre os cavaletes da improvisada tipografia de «O Boi», na rua Maria Domitília, no Brás. Depois de sua peregrinação displicente, postava-se à porta do jornal e de lá partiamos juntos para os nossos pagos. E que valiosa companhia ele me proporcionava para atravessar o então perigoso aterro do Mercado, hoje Parque D. Pedro, quando não conseguia tomar o último bonde de burros da Viação.

Não fazia, pois, nada de mais oferecendo-lhe um leito. Estes foram apenas alguns traços biográficos de Edgard Leuenroth, e esperamos que algum dia apareça alguém com fôlego suficiente para fazer o perfil completo deste Homem que foi verdadeiramente extraordinário.



Edgard Leuenroth, com 26 anos de idade, participando do primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, nos dias 15, 16, 17, 18, 19 e 20 de abril de 1906. Da esquerda para a direita, o segundo da segunda fila.

Um Homem Chamado Edgard Leuenroth

Agradecimentos

Os homens desta dominante geração se não ouviram falar de Edgard Leuenroth de algum modo sentiram a força das suas idéias no processo e no desenvolvimento das conquistas sociais. Envolvido nas lutas de classes, muitas das conquistas sociais se devem à sua combatividade. Gozar do benefício de trabalhar apenas 8 horas diariamente, e não 14 ou 20 sem remuneração, foi uma conquista que custou muito sangue e muitos mártires. No Velho Testamento nós nos deparamos com a figura impressionante de um Amós, que clama contra as injustiças que se praticam contra os oprimidos. Toda a Lei Mozaica é um esforço para se alcançar um razoável nível de igualdade, um freio para conter a ansia dos poderosos e um imperativo para socorrer o pobre e o estrangeiro que se aproximasse dos israelitas. Dentre os mártires modernos que apressaram o processo social na conquista dos favores que hoje desfrutamos, destacam-

se Sacco e Vanzetti, e entre nós se há de destacar esse insigne varão que se chamou em vida Edgard Leuenroth.

Jornalista emérito, dirigiu com ardor a PLEBE e outras publicações. Foi vanguardeiro e paladino do anarquismo no Brasil. Só ao pronunciar a palavra anarquismo causa calafrios. Para milhares de pessoas anarquismo é sinônimo de desorganização, de máquina sem controle, de governo sem cabeça, enfim, de paixões desenfreadas. Que é, pois, anarquismo? A pergunta é pertinente. Talvez 15% da população da terra, saiba exatamente o que significa anarquismo. Anarquismo é em última análise, o anseio de uma nova ordem social, mesmo que para isso seja necessário derrubar o governo dominante. É lutar para a implantação da justiça em favor dos oprimidos, mesmo que para isso seja necessário perder a vida. Se este aspecto lhe dá uma certa semelhança ao Comunismo, distancia-o contudo desta ideologia, o desejo do anarquista de não apoderar-se do poder, e nem nele se perpetuar.

Ninguém no Brasil foi mais sincero adepto dessa nova ordem do que Edgard Leuenroth. Os verdadeiro anarquistas são criaturas extraordinárias. Estão sempre dispostas a tolerar, a compreender, a amar, e a dar de si mesmo, sem jamais se preocuparem com o receber, e até mesmo com ingratidão. Sentem prazer em servir, e clamam diante de injustiça, não relacionada consigo mas para com os outros. O anarquista está sempre pronto para defender alguém que não tenha meios de defesa.

Por que enaltecer a sinceridade e o amor à justiça atribuídas a Edgard Leuenroth? A resposta é esta: Porque sabe-se que Edgard acreditava no que fazia. Sim acreditar em alguma coisa é fonte de consolo. Acharmos extraordinário os homens que acreditam, seja lá no que for, e quando o homem possui uma personalidade forte como a de Leuenroth, então, é de se ter inveja daqueles que com ele conviviam.

Romain Rolland, detentor grande prêmio Nobel da Literatura Universal, disse certa vez, tecendo considerações a respeito dessa nova ordem social inspirada na harmonia e na grandeza do amor: — «É uma ordem onde somente os grandes homens, de transcendentes poderes espirituais, podem a ela pertencer. São criaturas livres e profundamente humanas»...

Ibsem em sua meditação, reportando-se aos videntes da Terra, disse melancólico: — «O homem mais forte do mundo, é sempre o mais solitário»... E ao pensar em Leuenroth nos vêm à mente, as palavras dos Salmos de Davi que tão carinhosamente, nos foram lidas: «Senhor dará palavras de grande eficácia aos que com muita coragem anunciam as «Boas Vindas»...

Edgard Leuenroth dava melhor testemunho, não tanto pelo que dizia, mas pelo que fazia. Generoso — sincero — humilde ao extremo — corajoso — livre, e cremos que pouco se lhe dava ser preso pelos atos de bondade que praticava. Era mais de que UM HOMEM, era um homem espiritual e talvez ele mesmo disso não se apercebesse. Foi uma luminosa INDIGNAÇÃO no meio da estagnada fermentação de

uma sociedade como a que vivemos e que se dilui diante de nossos olhos.

As idéias que semeou florescerão e darão alento aqueles que como ele suspiram por uma ordem melhor, contudo, um dia os homens de boa vontade se immanarão, mesmo lutando em setores diferentes, porque se aperceberão que uma única coisa os empregava, — cuidar dos desprovidos da fortuna — fazer sentir aos poderosos que os bens da Terra são comuns e que deviam, devem e deverão ser repartidos com equidade, entre todos os homens da Terra.

Considerações de:

Dr. Vivaldo Simões e prof.
Fernando Buonaduce

DA EDITORA RECONSTRUIR, DE BUENOS AIRES, RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA:

Estimado companheiro:

Recebemos sua carta com data de 30 de setembro, com a infáusta notícia do falecimento de Edgard Leuenroth. A notícia produziu uma dolorosa impressão entre os companheiros, já que o velho camarada era muito apreciado, sobretudo depois que o conhecemos pessoalmente por ocasião de sua visita a Buenos Aires, faz alguns anos.

Apesar mesmo dos anos que tinha, o amigo Edgard é da lei natural que todos vemos cumprir quando chegamos ao momento, que já nos predispõe a aceitar com serenidade estes designios im-

previstos, há sempre em nós uma natural resistência que rechaça esta decisão da natureza, como se, a simples oposição pudesse determinar a postergação das leis imutáveis.

Recebemos os recortes tarde demais para inserir a notícia no número 56 de RECONSTRUIR que acabava de circular. Por isso rogamos nos faça chegar com a maior brevidade algumas referências biográficas do amigo desaparecido, que nos possam servir de base para uma nota que incluiremos no próximo número da revista.

De qualquer modo, os re-

Ambos nossos amigos Aristides Lobo e Lorenzo Cerrano; ao poeta Paulo Bonfim e ao Deputado Freitas Nobre pelas suas expressivas homenagens na Rádio Gazeta; ao Dr. Vivaldo Simões e Prof. Buonaduce; aos Deputados e Vereadores que se pronunciaram em suas respectivas Câmaras; aos jornalistas e jornais que dele se ocuparam, a todos aqueles que depuseram suas palavras como verdadeira despedida ao querido e inesquecível Edgard, os nossos maiores e sentidos agradecimentos, em nome da sua inconsolável família e em nosso próprio nome.

Dealbar

cortes serão aproveitados para que os nossos companheiros — entre os quais Edgard conseguiu reunir muitos amigos na Argentina — fiquem inteirados da infáusta notícia de sua morte.

Ficamos agradecidos pela solicitude com que nos escreveu, e esperamos que complete essa valorosa missão que você voluntariamente tomou, fazendo-nos chegar às mãos as informações que solicitamos.

Com a nossa saudação fraternal

Fernando Quesada

DEALBAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Livro B n. 3 sob n. 2.097

EXPEDIENTE

Redação e administração:

RUA RUBINO DE OLIVEIRA, 85

Correspondência:

C. POSTAL, 5739 — S. PAULO

Diretor responsável:

PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo — Rua Garibaldi, 1093 — P. Alegre, (RGS) Os artigos são de responsabilidade de seus autores.

A GREVE DE 1917

Quando se fazem algumas referências a atuação de Edgard Leuenroth, quer como jornalista, quer como militante proletário e anarquista, não pode deixar-se de mencionar a greve geral que aconteceu em São Paulo no ano de

«Citado nominalmente em Notas e Informações de 2 do corrente, com referência à minha participação na greve geral de 1917, sinto-me na obrigação de vir a público, a fim de contribuir com alguns esclarecimentos, para que o episódio citado seja registrado em toda a inteireza da verdade histórica.

Torna-se necessário, por isso, ser permitido pronunciarme, embora sumariamente, sobre a origem e o desenrolar desse acontecimento de excepcional relevo na história da vida coletiva de São Paulo.

Diga-se, antes de tudo, que a greve geral de 1917 não pode, de maneira alguma, ser equiparada, sob qualquer aspecto que seja examinada, com outros movimentos que posteriormente se verificaram como sendo manifestações do operariado.

Isso não, absolutamente não! A greve geral de 1917 foi um movimento espontâneo do proletariado sem a interferência, direta ou indireta, de quem quer que seja. Foi uma manifestação explosiva, conseqüente de um longo período da vida tormentosa que então levava a classe trabalhadora.

A carestia do indispensável à subsistência do povo trabalhador tinha como aliada a insuficiência dos ganhos; a possibilidade normal de legítimas reivindicações de indispensáveis melhorias de situação esbarrava com a sistemática reação policial; as organizações dos trabalhadores eram constantemente assaltadas e impedidas de funcionar; os postos policiais superlotavam-se de operários, cujas residências eram invadidas e devassadas; qualquer tentativa de reunião de trabalhadores provocava a intervenção brutal da Polícia. A reação imperava nas mais odiosas modalidades. O ambiente proletário era de incertezas, de sobressaltos, de angústias. A situação tornava-se insustentável.

A notícia da morte de um operário, assassinado nas imediações de uma fábrica de tecidos do Brás, divulgou-se como um desafio à dignidade do proletariado. Caracterizou-se como um violento impacto emocional, sacudindo todas as energias. O enterro dessa vítima da reação foi uma das mais impressionantes demonstrações populares até então verificadas em São Paulo. Partindo o feretro da Rua Castano Pinto, no Brás, estendeu-se o cortejo, como um oceano humano, por toda a avenida Rangel Pestana até a então Ladeira do Carmo em caminho da Cidade, sob um silêncio impressionante, que assumiu o aspecto de uma advertência. Foram percorridas as principais ruas do centro. Debalde a Polícia cercava os encontros de ruas. A multidão ia rompendo todos os cordões, prosseguindo sua impetuosa marcha até o cemitério. A beira da sepultura reviraram-se os oradores, em indignadas manifestações de repulsa à reação.

No regresso do cemitério, uma parte da multidão reuniu-se em comício na Praça da Sé; a outra parte desceu para o Brás, até à rua Caetano Pinto, onde, em frente à casa da família do operário assassinado, foi realizado outro comício. Sem que se possa precisar detalhes, verificou-se uma agitação entre a multidão estacionada nas imediações da avenida Rangel Pestana. Havia sido assaltada uma carrocinha de pão. Essa ocorrência teve o efeito da chispa lançada ao rasto de pólvora. Parece ter servido ela de exemplo e estímulo para que a mesma ação fosse praticada em muitas partes da cidade. Feito que aconteceu com rapidez fulminante, como se um veículo de comunicação de excepcional capacidade pusesse em contato todo o elemento popular paulistano. As fábricas e oficinas esvaziavam-se, enquanto as ruas se povoavam de multidões, movimentando-se agitadas em todos os sentidos. Foi quando mais se intensificou a repetição do episódio do assalto do carrinho de pão, sendo atingidos mercearias, depósitos de mantimentos, armazéns etc.

Paralizava-se a vida laboriosa de São Paulo que não pode parar, para dar lugar a uma convulsão popular sem precedentes na vida paulistana.

A Polícia entrou em ação. Começaram os choques com as multidões. Dos encontros resultaram vítimas de ambos os lados.

Os operários não se podiam reunir para tomar resoluções. Cada corporação lançava os seus memoriais de reivindicações, quase todas coincidentes, na maioria delas. Mas uma ação de conjunto, coordenada para a determinação do objetivo comum, não se tornava exequível no momento, devido à impossibilidade de realização de assembleias sindicais.

Foi então que se constituiu o Comitê de Defesa Proletária, resultante de uma reunião clandestina de militantes de várias categorias sindicais. Sua função não seria de órgão diretor para expedir palavras de ordem. Sua missão seria de um núcleo de relações e coordenador das reivindicações dos trabalhadores em agitação e privados de seus sindicatos e de seu organismo federativo. De conformidade com essa característica, seu primeiro trabalho foi reunir em um único memorial as reivindicações comuns a todas as categorias profissionais, constantes de boletins por elas divulgados, e que, anteriormente, tinham sido objeto de exame nas organizações operárias, antes de seu fechamento.

Constavam dessas reivindicações generalizadas, entre outras, a jornada de 8 horas, aumento dos salários, redução dos alugueis, normalização do trabalho das mulheres e dos menores, melhoramento dos locais de trabalho. Encabeçavam essas reivindicações as exigências do respeito ao direito de organização e de reunião, e a libertação imediata de todos os operários encarcerados. As reivindicações, específicas de cada profissão seriam acrescentadas pelas mesmas. Embora a vigilância policial fosse exercida com o máximo rigor, esse memorial do Comitê da Defesa Proletária teve a máxima divulgação entre os proletários em luta.

A situação ia-se tornando cada vez mais grave com os choques entre a Polícia e os trabalhadores. O Comitê de Defesa Proletária, somente vencendo toda a sorte de dificuldades, conseguia realizar apressadas reuniões em pontos diversos da cidade, às vezes sob a impressão congregateira do ruído de tiroteios nas imediações. Tornava-se indispensável um encontro dos trabalhadores, para ser tomada uma resolução decisiva. Surgiu, então, a sugestão de um comício geral. Como e onde? E como vencer os cercos da Polícia? Mas a situação, que se desenrolava com a mesma gravidade, exigia a sua realização. O perigo a que os trabalhadores se iriam expor estava sendo transformado em sangrenta realidade nos ataques da Polícia em todos os bairros da cidade, deles resultando também vítimas da reação, inúmeros operários, cujo único crime era reclamarem o direito à sobrevivência.

E o comício foi realizado. O Brás, bairro onde tivera início o movimento, foi o ponto da cidade mais indicado, tendo como local o vasto recinto do antigo Hipódromo da Mooca. Foi indescritível o espetáculo que então a popula-

ção de São Paulo assistiu, preocupada com a gravidade da situação. De todos os pontos da cidade, como verdadeiros caudais humanos, caminhavam as multidões em busca do local que, durante muito tempo, havia servido de passarela para ostentações de dispendiosas vaidades, justamente nesse recanto da cidade de céu habitualmente toldado pela fumaça das fábricas, naquele instante, vazias dos trabalhadores que ali se reuniam para reclamar o seu indiscutível direito a um mais alto teor de vida. Não cabe aqui a descrição de como se desenrolou aquele comício, considerado como uma das maiores manifestações que a história do proletariado brasileiro registra. Basta dizer que a imensa multidão decidiu que o movimento somente cessaria quando as suas reivindicações, sintetizadas no memorial do Comitê de Defesa Proletária, fossem atendidas.

O término do comício teve o mesmo aspecto de que se revestiu o seu início. A multidão se desdobrava em numerosas colunas que se punham em marcha, de regresso aos bairros. Os militantes mais visados retiravam-se no meio de grupos espontaneamente formados. Soube-se mais tarde que, em pontos distantes do local do comício, haviam-se realizado varias prisões.

A esta altura dos acontecimentos chegou ao conhecimento do Comitê de Defesa Proletária a iniciativa surgida no meio jornalístico de ser realizado um encontro de uma comissão de jornalistas e o referido comitê de Defesa Proletária. O convite foi feito por intermédio do diretor do jornal «O Combate», Nereu Rangel Pestana. O encontro foi marcado. Os membros do comitê compareceram à reunião com a segurança de não serem presos, em virtude do compromisso assumido pelo presidente do Estado com os jornalistas. O local escolhido foi a redação de «O Estado de S. Paulo», então situado na praça Antonio Prado. A comissão de jornalistas era composta de representantes de jornais diários da Capital e o Comitê de Defesa Proletária, pelos seguintes elementos: Antonio Candeias Duarte, comerciante; Francisco Cianci, litógrafo; Rodolfo Felipe, serrador; Gigi Damiani, pintor, diretor do jornal libertário «La Bataglia»; Teodoro Muciceli, diretor do jornal socialista «Avanti»; e Edgard Leuenroth, jornalista, diretor do jornal anarquista «A Plebe» e secretário do comitê.

Na primeira reunião foi examinado o memorial das reivindicações dos trabalhadores, apresentado pelo Comitê de Defesa Proletária, que a comissão de jornalistas estava encarregada de levar ao governo do Estado. A segunda reunião teve o seu início retardado, em virtude da prisão de dois dos membros do comitê de Defesa Proletária ao saírem da redação, após a primeira reunião. Os entendimentos seriam rompidos se esses dois elementos não fossem imediatamente postos em liberdade. Essa resolução foi transmitida ao presidente do Estado. A exigência foi atendida, os elementos levados à redação, e a reunião pôde ser realizada com breve duração, pois o governo ainda não havia entregue a sua resolução.

A resolução da concessão das reivindicações dos trabalhadores foi dada por intermédio da Comissão de Jornalistas, com a informação de que já estavam sendo libertados os operários presos durante o movimento.

Foram realizados comícios dos trabalhadores em vários bairros para a decisão da retomada do trabalho, que se iniciou no dia imediato.

São Paulo reiniciava suas atividades laboriosas. A cidade retomava o seu aspecto costumeiro, restando, entretanto, a triste lembrança das vítimas que haviam deixado lares enlutados.

Muito tempo ainda não havia decorrido, quando se verificou a minha prisão. Iniciou-se então minha peregrinação pelos postos policiais, com o fim de serem burlados os

motivo desse estrito ligamento assenta em que dele foi considerado o único responsável por aquela greve que chegou a causar pânico ao patronato e ao próprio Estado. Em resposta a uma dessas referências Edgard enviou ao jornal «Estado de São Paulo» a seguinte carta:

«habeas corpus» requeridos quando fui transferido para a Cadeia Pública, hoje Casa de Detenção. Após seis meses, fui levado ao Tribunal de Juri, para ser julgado pela estúpida acusação de ter sido o autor psíquico-intelectual da greve geral de julho de 1917. Fui absolvido por unanimidade de votos, após dois adiamentos, com o intuito de impedir de ter também como defensor, ao lado do dr. Marry Junior, o grande criminalista dr. Evaristo de Moraes.

Passado algum tempo, divulgou-se a notícia de deportação de alguns militantes proletários para outros Estados. Poderia ser mais detalhado, se isso fosse aqui cabível, e se a renitente crise de saúde, que me detém em casa, não me impedisse de utilizar o documentário de que disponho. Isso o farei tão breve seja possível, se conseguir avançar mais um pouquinho além do marco octogenário da vereda de minha vida...

Agora julgo não ser descabido ocupar mais algumas linhas a propósito da referência sobre um meu encontro com o dr. Julio de Mesquita Filho, em Campinas. Foi em abril de 1958, por ocasião da Exposição Retrospectiva do I Centenário da Imprensa de Campinas. A organização do Certame foi confiada a mim, na parte relativa à imprensa geral do Brasil, e ao sr. José da Costa Mendes, a de Campinas. O dr. Julio de Mesquita Filho lá esteve para realizar uma Conferência.

Foi quando se verificou a referida palestra com o dr. Mesquita sobre episódios do movimento proletário. Prende-se um deles à greve geral de 1917, e que serve como mais uma demonstração da mentalidade reacionária então imperante. Quando nos reuníamos na redação do «Estado», usávamos para nossos apontamentos o mesmo papel destinado ao uso dos redatores e encabeçado com o nome do jornal. A polícia serviu-se disso para lançar a calúnia de que o jornal tinha ligações com a greve. Essa infâmia foi de nunciada com veemência pelo sr. Nereu Rangel Pestana, no jornal «O Combate».

Um outro episódio, lembrado na minha palestra com o dr. Mesquita, verificou-se em 1919, ano excepcionalmente agitado do movimento proletário paulistano. Publicava-se, então, em edição diária, o jornal libertário «A Plebe», cujo aparecimento, sob minha direção, coincidiu com o início da greve de 1917.

Certa noite, quando nos encontrávamos à lufa-lufa da preparação do jornal, recebemos informação de que a sede do jornal seria invadida pela polícia. Efetivamente, a redação foi cercada por policiais, que ali permaneceram toda a noite. Alguém, que estivera com a autoridade responsável diligência, transmitiu-nos a estranha informação de que a polícia somente invadiria a redação às 6 horas da manhã, isso em respeito a uma determinação legal... Era justificável nossa estranheza, pois, naquele então, os assaltos a sedes sindicais e a domicílio de operários, na calada da noite, estavam na ordem do dia.

Mas há a registrar um outro aspecto desse episódio verificado naquela memorial notada de jornalismo proletário. Foi quando, esperando a entrada, a qualquer momento, dos policiais invasores, alguém entrou apressado e, com um todo de admiração, informou: o dr. Julinho está aí! De fato, ante a admiração da autoridade, a improvisada redação do jornal proletário recebia a visita de um diretor de um dos maiores jornais do Brasil. O dr. Julio de Mesquita Filho explicou que lá comparecia por ter sido informado do que estava acontecendo. A todos cumprimentou, e, somente após demorada palestra, deixava aquela velha casa do tempo de antanho, situada na rua das Flores, desaparecida com a abertura da Praça Clóvis.

E, às 6 horas da manhã, a polícia invadia a sede da redação do histórico jornal proletário».

ARQUIVO DO VOVÔ

Por incrível que pareça o arquivo reunido por Edgard Leuenroth, teve início com o seu começo como jornalista em 18 de julho de 1897, como atesta o primeiro número de «O Boi» por ele publicado naquela época e que constitui a primeira peça histórica que iria integrar o grande acervo documentário que hoje representa. Como homenagem ao grande, paciente e perseverante esforço realizado por este extraordinário pesquisador da questão social, damos, a seguir, uma carinhosa e pequena crônica escrita pela sua neta (quando tinha desesseis anos).

«Vocês nunca tiveram um avô que possuísse um arquivo? Pois sim!

Se o tivessem saberiam o que isto representa!!!

Pois bem, o meu velho goza de um, de um grande arquivo de jornais e livros de todo o mundo, desde que o mundo é mundo. E onde foi guardada esta preciosidade? No porão do velho e austero casarão habitado por nós. Mas, desde que me conheço por gente e que se falou em mudança, e, não se mudou. Motivo? O Arquivo!

As maiores bibliotecas mundiais não se comparam a ele, creio eu. Nos cubículos em que a geração moderna reside, espaço que é a necessidade exigida, é «manga de colete». Entretanto, um dia anunciam a casa. E, é afinal vendido o castelo da rua Fernão. Ai de mim! de nós! e de vocês! se tivéssemos um avô que possuísse um arquivo. E, nem precisaríamos ter

porque só de olhá-lo já causaria uma espécie de perturbação, uma tonteira!

Mas, todos estimamos a coleção que, embora sendo um trambolho que nenhuma casa moderna suportaria, segundo vovô e tios, é um patrimônio. Compra-se depois de ver muita casa por aí, uma ideal. Ela, entretanto, necessita de reparos, uma garagem a ser construída a qual ocuparia parte do arquivo do

vovô e a maioria seguiria para o sítio. Estava tudo, em fim, resolvido. Começamos então a empacotar a embrulhar a livreria. Pois, estava sempre começando. E saiu o livro daqui, jornal de lá, pasta de acolá, cadernos, tudo que se possa imaginar desde o início da história escrita. E, por mais que tivéssemos refletido sobre o arquivo, não o tínhamos calculado tão grande!!!

Ai! ai! ai! U! ui! ui! Tinhamos vontade de chorar, esmerpear. Que conselha! Que quebradeira! Puxa vida! Isso não acaba mais! e não acabava, não acabou e nem acabará, pois o que contém o arquivo, nem a poderosa ONU e outras talvez, ninguém, nada se iguala ao arquivo do vovô.

Yara Leuenroth Soubiê

ARISTIDES LOBO, NOSSO GRANDE AMIGO TAMBÉM DEIXOU-NOS:

Ainda não estamos feitos da irreparável perda do nosso querido Edgard, quando uma notícia não menos dolorosa veio ampliar o nosso desgosto. A morte repentina de Aristides Lobo, que se deu sábado 9 de novembro, causou-nos uma contristadora surpresa porque, ainda há um mês e 12 dias antes do seu falecimento, foi a ele que incumbimos de dar o último adeus ao Edgard Leuenroth, na hora do sepultamento. A morte tem dessas incríveis ingratidões. Aristides estava bem disposto, falou com aquela veemência que lhe era peculiar quando fazia uso da sua candente palavra.

Ao retornarmos do cemitério, disse-nos da sua excelente saúde desde que deixara de usar o açúcar, e aconselhou-nos também para que o fizéssemos.

Já sabemos que a morte é uma coisa natural e que é

também uma permanente e fatal surpresa. Mas esta do Aristides Lobo foi uma surpresa que nos surpreendeu demais.

Ninguém é menos suspeito do que eu em fazer menção e ressaltar as qualidades pessoais de Aristides Lobo. Conheçemo-nos como frontais adversários lá pelo ano de 1927. Ele era um jovem arduo com uma oratória inflamável e impressionante. A nossa juventude e a divergência ideológica, colocou-nos várias vezes frente a frente, com diferentes interpretações, porém, com a mesma lealdade, com o mesmo fervor e sinceridade defendendo os grandes problemas humanos. Num congresso operário realizado em São Paulo, no ano de 1931, eu e Aristides quase chegamos a vias de fatos. Alguns anos depois, quando compreendeu o blefe do comunismo russo e dele se des-

preendeu para sempre, fomos dois grandes amigos que a cada encontro nos cumprimentávamos com um caloroso e bem apertado abraço.

Aprendi a querer bem Aristides Lobo já não como adversário, porque era leal na disputa ideológica e arrojado na ação; e depois, como amigo, sentia por ele carinho e admiração. A sua morte repentina, que vim a saber um dia depois do sepultamento, cousou-me um impacto doloroso e a dor e o desgosto de não ter acompanhado os funerais.

Certo de interpretar o pensamento dos libertários de São Paulo, entre os quais Aristides gozava de enorme simpatia, consignamos aqui os nossos mais expressivos sentimentos de condolências a todos os seus familiares.

Pedro Catalão

Traços Biográficos de Um Homem Extraordinário

Continuação da 1a. pág.

culto, falava com desembaraço nordestino. Logo à sua chegada, transformava-se o escritório em centro de animadas tertúlias. Mais tarde, por ocasião de um passeio à Cantareira, tornei a vê-lo sobre uma mesa, com a camisa aberta mostrando avantajada musculatura. Discursava a propósito de problemas sociais. Deixando essa ocupação, passei a trabalhar como caixa em uma loja de fazenda, atualmente, Avenida São João. Foi relativamente limitada minha atividade nesses empregos, passando, a seguir, para a aprendizagem do ofício de tipógrafo nas oficinas da Companhia Industrial, na rua 25 de Março, destruídas por granadas na revolução de 24.

A recordação de minha passagem por essas oficinas conserva-se em minha memória como uma chaga incurável. Nela fui vítima de uma injustiça que jamais conseguí esquecer. Teve ela o efeito de um tremendo impacto moral, com reflexos na formação de minha consciência libertária. Não cabe aqui o seu relato, o que é feito no livro «Poeira de Barricada», prestes e entrar para o forno».

O COMÉRCIO DE SÃO PAULO

— «Dessa oficina passei a trabalhar na de «O Comércio de São Paulo», como tirador de provas, de escova em mão, e onde inicié meu contacto com a vida jornalística.

A existência desse jornal está a exigir pena adestrada para escrever sua história cheia de episódios cada qual mais interessante. Foi um verdadeiro escritório de intelectualidades. Pode-se ajuizá-lo acerca desta assertiva por esta primeira equipe que lá encontrei, secundada por outras, no decorrer dos anos: Eduardo Prado, diretor, Afonso Arinos, redator-chefe, Couto de Magalhães Sobrinho, secretário, Horácio Guimarães, Edgar da Mata Machado, redatores, Arduino de Bolívar, Aristoteles de Oliveira, revisores e quantos!

Tive ali, de certo modo, o prolongamento do curso escolar, inopinadamente truncado. Nos intervalos da sequência das provas a tirar, punha-me à porta da redação, a observar e a ouvir, o mesmo fazendo junto à revisão e, ainda, sondando as tertúlias da improvisada sala-de-estar. Muitas são as recordações que conservo de minha convivência nesse jornal, principalmente em suas oficinas, onde encontrei gráficos com notáveis capacidades intelectuais».

«CUNEGUNDES»

— «Quando e por que saí desse jornal? Quando dele tomou conta um jornalista de fama popular na vida da imprensa de Santos; Olímpio Lima, diretor da «Tribuna do Povo», depois «A Tribuna», ainda em publicação. Tornou-se conhecido por suas campanhas populares. Uma delas valeu-lhe um processo e uma condenação. Fui visitá-lo na prisão, em nada comparável com as minhas. Adquiriu «O Comércio de São Paulo» numa de suas periódicas crises. Ao tomar conta da Empresa e resolvendo sobre a organização do pessoal, decidiu pela permanência dos antigos — menos os Leuenroths, isto é: Edgar e seus irmãos Eugênio e João, que para lá haviam passado a trabalhar como tipógrafos. Fôra eu excluído como indesejável e meus irmãos como culpados da minha má fama...

Outra coisa: foi durante minha permanência nesse jornal que se iniciou a minha atividade direta na vida da imprensa, com a publicação de «O Boi», em 1897.

Sua oficina funcionava num barracão, situado nos fundos de um cortiço da Rua Maria Domitília, ali no comércio do Brás. Era composto em caixas de caixotins feitos de caixas de fósforos, com tipos, em grande parte, catados no lixo de uma tipografia; impresso em um prelo de mão que podia ser carregado embaixo do braço, e tinha como diretor um advogado nordestino sr. Júlio Ramos, residente na vizinhança. O nome de «O Boi» foi dado ao jornalista para aproveitar um «clichê» encontrado no «pastel» adquirido com o prelo, por cinquenta cruzeiros, de um vendedor da rua do Carmo.

Em 1898, «O Boi» foi metamorfoseado em «Folha do Brás», «órgão defensor dos interesses do bairro do Brás», que foi crescendo em tamanho e conseguindo a colaboração de muita gente que hoje tem atuação de destaque nos meios das letras de forma, como, por exemplo, Mário Sette e Lelis Vieira».

Daí por diante, a atividade jornalística de Edgar Leuenroth jamais sofreu solução de continuidade, como revisor, colaborador, redator, secretário, redator-chefe, diretor, editor, gerente, tudo, enfim.

LONGA VIDA ASSOCIATIVA

A dedicação à vida associativa vem desde quando era tipógrafo, tendo se iniciado no Centro Tipográfico de São Paulo, do qual foi fundador em 1903, e que, um ano depois, ainda, em grande parte por sua iniciativa, foi substituído pela União dos Trabalhadores Gráficos, que, passando por várias fases, chegou até ao atual Sindicato dos Gráficos. Tomou, depois, parte ativa, como fundador e militante, em todas as organizações dos gráficos da imprensa que se sucederam, aqui e no Rio de Janeiro, embora a sua permanência, na capital da República, tenha sido breve.

É de se notar que todas as agremiações de jornalistas têm tido a sua participação efetiva e ativa; ora tomando parte em suas fundações, ora nos corpos administrativos das mesmas.



Edgard Leuenroth, em 1955, quando trabalhava na organização do Arquivo da Redação do jornal «O Globo» do Rio de Janeiro.

Pertenceu desde o seu período inicial, à Associação Brasileira de Imprensa, da qual é seu sócio remido; é sócio fundador da Associação Paulista de Imprensa e da Associação Paulista de Propaganda; pertenceu ao quadro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de S.



Edgard Leuenroth, com 32 anos de idade, presidindo o segundo Congresso Operário Brasileiro, realizado por iniciativa da Confederação Operária Brasileira, em 8,9,10,11,12 e 13 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro.

Paulo, desde o início de sua atividade. Tem participado ativamente de vários congressos jornalísticos, sendo que tomou parte na organização de dois deles. Em 1918, tomou parte no Primeiro Congresso de Jornalistas realizado no Rio de Janeiro; em 1926, foi a Washington apresentar um mostruário da imprensa brasileira, por ele organizado, ao Primeiro Congresso Pan-Americano de Jornalistas; em 1933, tomou parte destacada no Primeiro Congresso Paulista de Imprensa, realizado nesta capital; finalmente, em 1942, fez parte da comissão organizadora do I Congresso dos Jornalistas Profissionais do Estado de S. Paulo, tendo sido um dos relatores das teses e participado de todas as sessões.

Coligiu e organizou o material para várias exposições da imprensa brasileira; em 1926, em Washington, por ocasião do Primeiro Congresso Pan-Americano de Jornalistas; em 1935, em Porto Alegre, para a Exposição Farroupilha, e, no mesmo ano, no Rio de Janeiro, para a Feira de Amostras.

DE TIPOGRAFO A FUNDADOR DE JORNAIS

Sua carreira, sua vida profissional, como já se observou, têm o encanto dessas histórias de pioneiros, chefes de lutas, e «começadas do começo», vindas do baixo para o alto, sem descanso para o trabalho, sem preocupações de cargos ou situações, antes envoltas numa modestia que chega a assustar os atrevidos repórteres do jornalismo de hoje.

Como «fazedor de jornais» a sua atividade, assim, tem sido desenvolvida modestamente, aparecendo seu nome, em seus jornais, quase que apenas para atender às exigências legais. Uma boa parte dos seus trabalhos aparece subscrito pelos seus pseudônimos, que são diversos: Frederico Brito, Routh, Palmiro Leal, Leu, Leão Vermelho e Siffleur.

Grande é a lista dos jornais que fundou, ou nos quais trabalhou ativamente, ou ainda colaborou. Pode-se citar, entre eles os seguintes: de 1896 a 1899, em «O Boi», periódico, como fundador co-proprietário e redator; de 1896 a 1908, no «O Comércio de São Paulo», diário, nas oficinas de redação e na administração; em 1898 a 1901, na «Folha do Brás», periódico, como fundador co-proprietário e redator; em 1901, no «O Alfa», de Rio Claro, diário, como colaborador e correspondente telegráfico; em 1904, no «O Trabalhador Gráfico», periódico, como fundador e redator; de 1905 a 1910, na «A Terra Livre», periódico, como fundador e redator-gerente; em 1906, na «Luta Proletária», periódico de São Paulo, como redator; de 1908 a 1909, na «Folha do Povo», periódico e, depois, diário, de São Paulo, como fundador e diretor-gerente; de 1909 a 1935, na «A Lanterna», como diretor-gerente e redator; em 1912, na «Guerra Social», periódico de São Paulo, como fundador e redator; em 1915, no «O Combate», diário, de São Paulo, como colaborador; de 1916 a 1917, na «A Capital», diário, de São Paulo, como revisor e depois como redator-secretário; de 1916 a 1917, na revista «Eclética», de São Paulo, como redator-secretário; de 1917 a 1935, «A Plebe», como fundador, redator-gerente e colaborador; em 1918, no «Spartacus», periódico, do Rio de Janeiro, como colaborador; em 1920, na «Voz do Povo», diário do Rio de Janeiro, como colaborador; em 1921, na «A Vanguarda», diário de São Paulo, como fundador e redator; de 1924 a 1935, no «Romance-Jornal», como redator-secretário; em 1935, no serviço de notícias «Ecla», como redator-secretário; de 1936 a 1938, no «Jornal dos Jornais», periódico de São Paulo, como redator-secretário.

Foi, ainda, o organizador do «Anuário da Imprensa Brasileira» obras que levou muitos anos para seu preparo, contendo tudo quanto possa haver de interesse para a imprensa, e que não pôde ser publicada, em virtude de ser negado o seu registro pelo D.L.P., que resolvera lançar publicação semelhante.

NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE IMPRENSA

Na A.P.I., sua atuação tem sido ininterrupta, pois tem participado da vida dessa associação jornalística em quase todos os seus atos internos e externos. Foi secretário da comissão organizadora e, depois, da mesa do congresso jornalístico de 1933, do qual surgiu a entidade. Foi ele que encaminhou os trabalhos desse certame, que coordenou

todos os papéis referentes ao mesmo e organizou, por fim, o seu relatório, que figura em quadro fixado na rede social da agremiação.

Os primeiros estatutos de A.P.I. tiveram nele o seu compilador, sendo dele, em colaboração com outro associado, o primeiro ante-projeto da reforma em que foram baseados os estatutos anteriores. São, igualmente, em grande parte, obra sua os estatutos agora em vigor. O regulamento do Conselho Deliberativo foi baseado num ante-projeto seu, sendo, também, de sua autoria o regulamento da biblioteca associativa, cuja reorganização foi por ele orientada. Fez parte da diretoria da A.P.I. e do Conselho Deliberativo.

Participou de quase todas as concentrações jornalísticas realizadas no interior do Estado, fazendo-se notar a sua atuação em todos os trabalhos.

Sua participação na iniciativa da «Casa do Jornalista» foi ativa, tendo sido aproveitados os alvitre confidido no plano geral por ele organizado e publicado num matutino paulistano, de 13 de julho de 1941.

O CASO IDALINA

Uma das mais violentas campanhas de «A Lanterna» e na qual Edgard tomou parte ativamente, foi em torno do célebre caso Idalina, que é o seguinte: Uma das meninas internas do «Orfanato Cristóvão Colombo», em visita aos seus pais, revelou a uma sua amiga, a alteração que ela ouvira entre o padre Cansoni, Diretor daquele Orfanato e a Superiora do mesmo Colégio. Esta acusava o padre Cansoni de haver seviado e matado a menina Idalina Stamato, ali internada. Reunida a Imprensa de São Paulo, em casa de Pacullo, pai da menina que recebera a comunicação do crime, a menina internada sustentou o que ouvira entre o padre Cansoni e a Superiora do Orfanato Cristóvão Colombo.

O acontecimento veio a público e comoveu toda a população de São Paulo que exigia a apresentação em público da menina Idalina. O padre Faustino Cansoni, apresentava descabidas desculpas para justificar a ausência da menina, isso causou maior indignação e pelas paredes de toda a cidade apareciam inscrições como esta: «Onde está Idalina? Quem matou Idalina? Foi o Padre Faustino».

A revolta crescia com comícios e reuniões exigindo a presença de Idalina. Quando foi apresentada outra menina como sendo Idalina, Edgard Leuenroth, à frente de «A Lanterna», conseguiu provar através de um registro de nascimento, que a suposta Idalina era uma menina nascida em Bragança. Pela cidade rompeu a ira popular em violentas manifestações, sendo Edgard, preso mais uma vez. Foi uma campanha memorável que levou muitos anos para cair no esquecimento. Idalina Stamato nunca mais apareceu. A família de indítila menina ainda existe, e o pai, com a avançada idade de mais de 90 anos faleceu recentemente.

CANDIDATO A DIPUTADO

O histórico processo da greve de 1917, no qual foi envolvido como único responsável, Edgard Leuenroth, foi acompanhado com insólito interesse pela população de São Paulo, que naqueles tempos sentia mais facilmente os problemas que lhe diziam respeito. Sindicatos, Agremiações, jornalistas, advogados, amigos, companheiros e admiradores, participavam ativa e diretamente nos reclamos da libertação daquele Homem que pusera sua vida em defesa das nobres causas humanas. O seu pronunciamento no Tribunal por ocasião do último julgamento, é uma peça oratória e uma afirmação de seus princípios libertários verdadeiramente impressionante.

A defesa lhe foi feita por dois dos maiores caudilhos brasileiros da época, Dr. Marrey Junior e Dr. Evaristo de Moraes.

Absolvido por unanimidade de votos depois de seis meses de atribulado encarceramento, por ocasião da sua libertação uma compacta massa de pessoas esperava-o à porta da cadeia pública. Ao seu aparecimento a aclamação foi delirante, e ali mesmo, nas portas da cadeia, pronunciou o seu discurso de agradecimento àquela manifestação de tocante solidariedade.

Conclui na 2a. pág.